

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad brævium
(triumphi Ecclesiae) ... in Christo Jesu.
ID. 13, 14.

SUMMARIO:

PROPAGANDA, por Dom Antonio d'Almeida.—SECÇÃO RELIGIOSA: *Carta Pastoral de S. Ex.ª R.ª o Sr. Bispo d'Angra sobre o protestantismo; Uma missão no paiz dos amboellus*, pelo Reitor José Victorino Pinto de Carvalho.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *O Probabilismo*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—SECÇÃO HISTORICA: *Outro manuscrito—O scisma da Igreja de Braga*, pelo Padre Alfredo Elviro dos Santos.—SECÇÃO CRITICA: *Porque não quer frades o governo portuguez?* por Elias de Sampaio.—SECÇÃO LITTERARIA: *Gracia ou a christã do Japão*, versão do Padre Lima; *Salvè Cruz!* por Pereira L.—SECÇÃO ILLUSTRADA: *A Santissima Virgem junto da Cruz*, por R.—SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA, por A. Guimarães.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.—*Os amigos do Progresso Catholico.*

GUIMARÃES 30 DE MARÇO DE 1884

PROPAGANDA

O COLLEGIO da *Propaganda Fide* é uma Instituição Pontificia em Roma de magna importancia! A todos esta visível se torna, apenas conhecido aquelle *Estabelecimento!* E' este como um resumo da Universalidade da Igreja de Deus, pois que debaixo da obediencia ao Vigario de Christo na Terra por aquelle Meio Este se comunica *tambem* com todas as Missões Catholicas e especialmente com aquellas existentes em Paizes ou Regiões, que não estão nas circumstancias ordinarias do *Missão*. Diz um author inglez protestante «que para se fazer uma idéa da importancia moral da Roma Pontificia basta conhecer a fundo o *Collegio da Propaganda Fide!*» E nós diremos, que para conhecer a importancia de este mesmo *Collegio* é sufficiente, para de ella argumentarmos como *da parte para o todo*, conhecer o seu movimento do *corrcio!*

Temos tido a sublime honra de privar com quatro dos Eminentissimos Prelados Perfeitos da *Propaganda Fide* em Sua Successão, —Franzoni, Barnabó, Franchi e Simeoni. Não podemos contar quantas vezes fomos honrado com o acolhimento debaixo de aquelles venerandos tectos; assistimos a seu movimento ordinario, e a seus Actos mais Solemnes; fomos, por não sabemos quantas vezes, testemunha da admiração dos estrangeiros de todos os Paizes do Mundo, que ficaram admirados das provas magnas e publicas, dadas pelos Mestres e Discipulos do *Collegio da Propaganda Fide!* Bispos, Sacerdotes, Diplomaticos, Personagens e não Personagens, eis o Pessoal, que todos os dias e a diferentes horas do dia sóbe e desce as escadas de aquelle *Collegio* pa-

ra tractar de negocios referentes á Verdadeira Evangelisação dos Povos, e em particular de aquelles onde a *Missão Catholica* não está em suas *Santas Ordinarías Circunstancias!*

O Papado fundou e ampliou em tempo opportuno o *Collegio* referido de modo, que chega a tomar resoluções immediatas importantissimas para acudir de *prompto* ás necessidades urgentes das *Missões*, embora só dentro das Faculdades concedidas pelo Papado, e *ad referendum* ou referindo depois ao Papa, podem sem effeito *suspensivo*, pois assim o determinou o Poder Papal. A *Propaganda Fide* tem o seu Cardinal Perfeito como Cabeça, sujeito ao Papa; e o mesmo Cardinal tem como seu Conselho ou Senado um numero de Cardeaes, que formam com o Cardinal Perfeito a *Congregação da Propaganda*, e a que Elle preside. Já se vê com que piedade e sabedoria sam tomadas as respectivas altissimas determinações. O *Secretariado* da mesma *Magna Fundação* é *Carreira Cardinalicia*, tal é sua importancia; e é assim que nós conhecemos vários *Secretarios da Propaganda*, que mais tarde foram investidos de *Sagrada Purpura*, e sem que todos estes tivessem sido Perfeitos da mesma *Instituição*; mas tendo-lhes o Papa dado outros destinos.

Ao Papado e aos *Fieis* deve a *Propaganda Fide* a *Sua Propriedade*; esta é justa, e de natureza tal, que os ataques a ella feitos sam *attentatorios* e *participam ou sam sacrilegios!* A *Propriedade* em si justa não carece para sua defesa de mais que mostrar seus titulos justos, quando se ouse ataca-la; mas quando á sua existencia justa se ajuntam applicações justas é mister *mais injustica* para ataca-la! De mais, uma *Propriedade* justamente feita mas obrigada a justos lins determinados, não pôde fugir a estes, nem por outros ser obrigada a faltar-lhes de qualquer modo, nem de qualquer

modo *expôr-se a isto*. Toda a violencia exercida sobre a justa *Propriedade*, emhora tal violencia podesse vir a ser de beneficio para a mesma *Propriedade*, não passa de violencia, é *injustical!*

Quem possui com justiça; toda a *Entidade*, que é *justa Propriedade*, é a unica senhora de possuir e avaliar por si a sua *propriedade*, ninguém é assistido de direito para *usurpar*, nem mesmo alterar ou *modificar*, obrigada a tributos publicos, ou a *expropriações pagas*, de *justicia* ou *injustica*, o *fisco* os exigirá ou não, e *nada mais*. E' conforme com todas as exigencias do *justa propriedade*, que o *Collegio da Propaganda Fide* possui seus bens, sua *Propriedade*; e de mais tendo esta por emprego o bem das *almas* pelas *Missões!* E' um acto de violencia dos Tribunaes *italianos*, *condescendentes* com o *Governo italiano*; o obrigar o *Collegio da Propaganda Fide* a *invertir* «seus bens» de qualquer especie em *titulos* da *divida publica italiana* ou outros, é *sel-o-lha* mesmo quando taes *titulos* fossem «*insubmergiveis*». Não foi por interesse pela *Propaganda Fide*, que esta está violentada a «*invertir*» sua *Propriedade*; não é *sem grave repdro*, que se nota a *subserviencia* de aquelles *Tribunaes judiciaes!*

Sua Santidade Leão XIII protestou solememente contra a violencia feita á «*Propriedade*» do *Collegio da Propaganda Fide*, de cujos bens se quer «*a inversão forçada*» embora o *Governo italiano* «*deseje* que se conserve o *Edificio da Praça de Hespanha*» pois que teme, que a mudança do *Collegio* referido o da *Direcção da Propaganda Fide* para outra parte lhe dê um *profundo golpe moral!* Se fôra possivel esperar da *Revolução* qualquér cousa que não fosse *revolucionaria*, admiraria como falta um *certo senso*, que poderia buscar não *cometter faltas sobre faltas!* O bem sóbe

augmentando, o mal desce peorando! Assim como a Igreja de Deus irá sempre de mais—em—mais glorificando-se; a Revolução irá sempre de mais—em—mais desacreditando-se até que se *abysme* de todo! Tudo que é verdadeiramente bom, se unirá com Deus no Céu; tudo que é mau, se unirá com Lucifer no Inferno, e a *Revolução é do mal!*
Domine adjuva nos!

13—3—84.

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

Secção Religiosa

CARTA PASTORAL SOBRE O PROTESTANTISMO

(Continuado do n.º anterior)

III.

Como a religião, ligando os homens a Deus nosso Senhor, tenha por fim a sua salvação eterna, é indispensavel que preste os meios para isso necessarios; e que elles sejam sobrenaturaes, visto que o fim tambem o é; do contrario propria a *absurdo* a consecução d'um fim sem meios.

Ora é o que o catholicismo proporciona aos seus membros em grande abundancia. Depois de ter alistado os homens n'essa grande e divina sociedade, pelo sacramento do baptismo, lavando-os da macula original, tornando-os filhos de Deus, com direito á gloria eterna; por meio dos sacramentos, sacramentaes, sacrificio e obras de piedade, lhes facilita de tal modo a salvação, que nenhuma desculpa podem ter os que se perdem.

Se por fragilidade humana o homem perde a graça santificante, peccando gravemente; pelo pequeno sacrificio de revelar a um sacerdote a sua miseria, tendo d'ella verdadeiro arrependimento, e proposito de emenda, alcança a certeza de se achar reconciliado com o Senhor, e de lhe terem sido perdoados seus peccados com relação á pena eterna. Se as faltas não são graves, é sufficiente recorrer aos sacramentaes, ou obras de piedade, propostas pela Igreja para esse fim.

Se pretende maior copia de graças para se fortalecer na virtude, aproxima-se da sagrada mesa eucharistica, onde a fé catholica lhe assegura que recebe a fonte e principio de todas as graças, o corpo, sangue, alma e divindade de nosso Senhor Jesus Christo como está nos Céos. Se as paixões e os inimigos da alma o accommettem na idade dos desvarios e illusões, o sacramento da confirmação lhe confere as forças e auxilios necessarios para de tudo sair

triumphante. Se abraça um estado sobrecarregado de encargos mui difficil de se viver n'elle com santidade, o estado do matrimonio, é ainda a um sacramento que vai buscar os auxilios necessarios da graça. Se é escolhido para o sacerdocio, é outro sacramento especial que o investe em tão alta e importante dignidade. Se vê aproximar-se a hora fatal do passamento, é ainda outro sacramento consolador, que lhe dá esperanças de melhoras, e o anima e conforta para esse passo fatal, de que depende a felicidade ou desgraça eterna!

Que grandes e numerosos meios pois de santificação presta o catholicismo aos seus membros!... Não são porem só estes, posto que já hem abundantes e admiraveis.

Nosso Senhor Jesus Christo, por um rasgo de caridade infinita de um Deus, dignou-se sacrificar-se pela salvação do Mundo; e pedia a sua providencia e bondade que os fructos d'esse sacrificio divino se distribuisssem em abundancia por todos os homens, que d'elles quisessem ter parte. Para isso convinha que o mesmo sacrificio se renovasse mysticamente em todos os tempos e logares; e com effeito elle se renova, como estava vaticinado (1), com grande aproveitamento espirital de todas as pessoas que com as devidas disposições n'elle tomão parte.

Que grande riqueza pois de graças presta este acto aos catholicos; e portanto que effizaz meio de santificação!...

E não pára ainda aqui. A Igreja catholica professa o dogma consolador da communhão dos santos, isto é, que não só os membros da igreja militante, que nos achamos ainda peregrinando sobre a Terra, estamos unidos pelos laços da verdadeira caridade, participando até certo ponto das orações e obras de piedade uns dos outros, mas que esse laço consolador se estende ainda á Igreja triumphante, e paciente; interessando-se aquella pelo nosso bem perante o Todo poderoso, e podendo nós, por meio de suffragios e boas obras, minorar e até remir as penas do Purgatorio ás almas pelas quaes nos interessarmos.

Por entre este dogma apparece em frente uma figura de mulher arrebatada, que attrahe a si todas as vistas, e onleva irresistivelmente os corações. É uma Mulher que é nossa irmã por natureza, e ao mesmo tempo Mãe ditosa de nosso Senhor Jesus Christo, redemptora do genero humano, a quem seu bemdito Filho pendente da cruz entregou os homens como seus filhos (2); e que por todos estes titulos não pode deixar de se interessar por elles, como é proprio de coração maternal; tornando-

se portanto para nós grande e effizaz meio de salvação.

Para nos affervorar no culto dos santos, irmãos nossos, que temos a certeza de gozarem da gloria do Céu, permite a Santa Igreja que colloquemos nos altares suas imagens, como venerandos retratos, que ferindo nossos sentidos e recordando suas virtudes, nos animão a recorrer á sua protecção; ajoelhando na sua presença em signal de veneração e respeito, e não de adoração, a qual só a Deus nosso Senhor é devida.

Ainda outro grande meio de santificação são as indulgencias. Perdoados Deus nosso Senhor a pena eterna dos peccados, não pode permittir sua justiça que ficasse equiparado o homicida ao leviano, o sacrilego ao imprudente. E' pois de razão que por meio de penas temporaes se effeetue essa compensação, as quaes podem remir-se ou por meio de boas obras durante a vida, ou por meio de suffragios depois da morte.

Alem d'isto sendo o corpo humano cúmplice e participante nas faltas peccaminosas, e tendo ellas sempre por causa a preferencia dos gozos terrestres, em que tem parte o corpo, nos celestiaes; pede a razão que seja por castigos e penas corporaes que se satisfaça áquelles peccados; e por isso nos assevera S. Paulo (3) que não pode haver remissão de peccados sem effusão de sangue.

Ora grande desgraça seria para o homem não terem meios de satisfazer á justiça divina por essas penas temporaes. Por isso a Igreja catholica professa o dogma consolador das indulgencias e do Purgatorio. Pelas indulgencias satisfaz o peccador a parte ou a todas essas penas; e quando o não tenha conseguido durante a vida, vai no Purgatorio acabar de saldar essas contas depois da morte. Do contrario todos os que não podessem satisfazer plenamente á justiça divina durante a vida, se condemnarião necessariamente; porque no Céu não pode entrar a mais leve mancha (4). Eis-aqui aonde leva a doutrina dos protestantes!

As indulgencias, alem d'isto, são consequencia necessaria da justiça divina; porque assim como todo o peccado tem annexa a pena correspondente, a boa acção tem a devida recompensa. A Igreja pois estabelecendo indulgencias, não faz mais que fixar ou marcar o valor d'esse premio, que tem por base o merecimento intrinseco da boa obra, supprindo a falta, se a houver, com os merecimentos infinitos de nosso Senhor Jesus Christo, e com os da sua santa Igreja; para o que ella se acha authorisada pelo mesmo Senhor. E, se applica indulgencias pelas almas do Purgatorio, é pelo dogma da communhão dos santos.

(1) Malach. I, 11.

(2) Joa. XIX, 26.

(3) Hebr. IX, 22.

(4) Ephi. V, 27.

dogma consolador, e proprio de um Deus de infinita misericórdia e bondade!

No entanto de todos os meios sobrenaturaes de santificação se achão privados os protestantes; e os pretendem também roubar aos catholicos, substituinto-os todos pela chamada fé sem obras; porque dizem que estas não são necessarias para a salvação, mas apenas aquella.

E' isso absurdo tal que custa a crer que entre em intelligencia humana; porque por elle o homicida, o sacrilego, o ladrão que tivesse fé (não sabemos em que) se salvaria da mesma sorte que um Francisco d'Assis, um Vicente de Paulo, e um Francisco de Sales &c. D'este modo todos os demonios se salvarião, porque todos teem, nem podem deixar de ter fé nos mysterios da Religião christã, que conhecem, como diz Sant-Iago (1), porque já forão n'outro tempo bemaventurados.

E porque o mesmo Apostolo diz expressamente (2) *que a fé sem obras é morta, e que o homem ha de ser julgado pelas suas obras, e não tanto pela sua fé; que farião os protestantes para resolver esta grande difficuldade?! Excluem da Biblia esta epistola; assim como excluem o segundo livro dos Machabeus, onde se diz ser coisa santa e louvavel orar pelos defunctos, para negarem as indulgencias e Purgatorio (3)!*

Fica porem clamando ainda contra elles o capitulo XXV do evangelho de S. Matheus (4), onde se declara que o supremo Juiz hade proferir a sentença de salvação ou condemnação eterna fundada nas acções de cada um, e não na fé que teve.

Eis-aqui porque os protestantes tanto se esforção e fazem despezas enormes para corromperem a Biblia; espalhando-a profusamente, mutilada e alterada; com o que pretendem fazer prevalecer o erro á verdade, á palavra de Deus genuina a corrompida. E são estes homens de má fé, que pretendem reformar a Egreja catholica, onde unicamente existe a verdade, a justiça e a santidade. Não o conseguirão, porem, porque o Senhor lhe assiste, e prometteo *que as portas do Inferno nunca contra ella prevalecerão.*

(Continua).

Uma missão no paiz dos amboellas

III

EM quanto esperavam que as aguas descessem, foi o Padre Hogan visitar Kilula, rei de Ombandja, e Nambadi, rei de Ukuanyama.

(1) II, 19.

(2) *Ibid.* 14 a 26.

(3) II Mach. XII, 46.

(4) 84 a 46.

Partiu o Padre Hogan com a sua caravana, na segunda feira, 9 de Julho, e ao terceiro dia de jornada, chegava a pouca distancia da habitação de Kilula; e parou porque, segundo a etiqueta de Ovampo, nenhum europeu pode apresentar-se ao rei, sem primeiro se annunciar, e receber auctorisação de avisinhar-se da residencia real, o que lhe foi concedido.

Esta é, como todas as de Ovampo, uma immensa fortaleza, com um labyrintho de corredores, dando accesso a todos os compartimentos desta vasta morada. O recinto exterior é formado de altas paliçadas, rodeadas de fossos de dous metros de profundidade, cheios de agua e peixes, durante a estação invernal.

Kilula terá trinta e sete annos de idade, traja á europeia e parece muito amavel. Recebeu o missionario com modos muito affaveis, informou-se da sua viagem e do fim da sua visita.

Sabendo que o seu fim era entrar em relações com elle, pedir-lhe protecção para a caravana atravessar o seu reino, e por fim estabelecer lá uma estação da missão, quando fosse possível, mostrou-se o rei muito satisfeito, e instou com o missionario para que se estabelecesse immediatamente no seu paiz.

Mas não podendo ser satisfeitos seus desejos, por falta de pessoal, prometteu-lhe o missionario que em breve voltaria, e despediu-se do rei, o qual para testemunhar-lhe sua satisfação, deu-lhe um escravo, um boi, e mandou que um príncipe da sua casa o acompanhasse até a fronteira.

A população de Ombandja é, segundo parece, pacifica, hospitaleira, e muito laboriosa. A' chegada do Padre Hogan, mais de tresentas pessoas se occupavam em abrir uns poços de quarenta pés de profundidade, e o proprio rei animava os trabalhos com sua presença.

Kilula tem grande numero de mulheres, mas não tem filhos, pelo que lhe deve succeder o príncipe de Hoihevari, filho de sua irmã mais velha.

Segundo parece, vive em excellentes relações com seus vizinhos. O rei de Kamba enviou-lhe por esta occasião uma embaixada, trasendo-lhe presentes. Tendo alguns subditos de Nambadi espalhado a falsa noticia de que este projectava uma invasão em Ombandja, para roubar gado, queixou-se Kilula ao seu poderoso vizinho, e este mandou immediatamente fusilar os auctores da noticia.

IV

No dia 13 de Julho, de manhã, partiu o Padre Hogan e a sua caravana, da residencia de Kilula, em direcção ao reino de Ukuanyama.

A primeira povoação d'este reino, que

encontraram, foi Otchambomba, colonia recente, formada de jovens em outro tempo ao serviço do rei, aos quaes depois de casados, foi concedido este terreno ainda inculto. A' chegada do Padre Hogan, andavam elles occupados em desbravar um bosque, para cultivarem ceiteaes, em quanto numerosas manadas de bois pastavam nas terras visinhas. Estes colonos que haviam viajado muito, e vivido entre os europeus, tractaram o missionario como conhecido antigo, e deram-lhe um guia, para o dirigir ao seu destino.

Deste ponto partiu a caravana no dia 15, e depois de quatro horas de marcha atravez de terrenos bem cultivados, teve um encontro verdadeiramente providencial.

Era uma caravana de mercadores amboellas, que regressavam de Mossamedes, onde vieram commerciar, a Pompali Akola, nas margens do rio Okashilanda.

Era neste ponto que os missionarios hiam estabelecer a primeira estação, o que os chefes da caravana muito estimaram saber; prometteram um vasto terreno, e deram ao Padre Hogan todos os esclarecimentos necessarios a respeito das mercadorias, que tinham curso no paiz.

Ficou o Padre Hogan mui satisfeito com este encontro, pois lhe haviam dito que estes indigenas do Nyemba eram mui selvagens; que se nutriam de crocodilos e serpentes; que os assustava a vista dos europeus; que habitavam miseraveis choças; que era emfim um povo de todo intractavel.

Disseram os chefes da caravana que todas as mercadorias, usadas na costa, tinham curso no seu paiz; que só queriam fusis aperfeiçoados, e que o seu paiz só distava de Okuanyama cinco dias de jornada, assim divididos: dous de Nambadi á fronteira de Handa, outros dous para atravessar este paiz, e um a Pompali Akola, primeira povoação do Nyemba.

São mais mdenos que negros, tem o rosto oval, e o nariz quasi aquilino recorda o typo europeu. Tal é também o retrato, que nos dá Serpa Pinto d'um príncipe amboella das margens do rio Cuchibi.

Depois de conversar largamente com os chefes da caravana, despediu-se d'elles o Padre Hogan, com a esperança reciproca de em breve se encontrarem.

V

No dia seguinte ao d'este feliz encontro, estava o Padre Hogan na morada de Nambadi, e era immediatamente recebido em audiencia—graça que rarisimas vezes se concede.

Nambadi é um galhardo joven de desete annos, de maneiras e costumes

européus, intelligente, avido de instrução, e ansioso de introduzir a civilização no seu reino; por isso ha muito tempo que insta por missionarios. Tem decidida afeição ás armas e á equitação, e possui quatorze magníficos cavallos, que seus creados exercitavam em sua presença. Passou o Padre Hogan o resto do dia a conversar com o jovem rei, e ao anoutece foram inspecionar as construcções da missão, contiguas á residencia do príncipe, o qual declarou querer assistir á primeira missa, para fazer juizo das bellezas do culto catholico.

Esta capella foi consagrada ao Archânjo S. Miguel, e a estação de Nyemba ao Santissimo e Immaculado Coração de Maria, refugio dos peccadores, sob a invocação de Nossa Senhora dos Amboellias.

A missão do Padre Hogan estava satisfeita; tomara posse de uma nova estação, e preparara o estabelecimento de outras duas; despediu-se pois do rei, e voltou para junto do Padre Duparquet e seus companheiros, para communicar-lhes estas boas noticias, e apressar os preparativos da marcha.

Como se vê, não só estam patentes aos infatigaveis missionarios, os reiuos de Ovampo, mas também vão penetrar e fixar-se definitivamente no dilatado e formoso valle do Zambese occidental, que virá a ser o campo principal dos seus trabalhos.

E' um districto, cuja area é quasi egual á de Hespanha, e onde ainda não penetrou o protestantismo.

O Padre Duparquet só lastima não ter o pessoal e os recursos correspondentes á extensão da missão.

«Supplico-vos diz elle, que nos recommendeis á generosidade das pessoas caritativas da Europa, que são nosso unico apoio nestas longinquaes missões; sobre tudo pedi orações para nós, pois sem o auxilio divino são impotentes e estereis os esforços do homem.»

(Continua)

O Reitor do Maucellos,

JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO.

P. S.

Noticias vindas ultimamente de Angola, tractam de intrigar o Padre Duparquet e seus companheiros, apresentando-os como buscando minar o nosso dominio no sul da provincia, como já o haviam feito no norte; porque, dizem taes noticias, foram elles que mais prepararam a occupação franceza de Loango e Ponta Negra.

Accrescentam que apparecera também uma missão protestante, composta de

prussianos e finlandeses, que trabalhava no mesmo intento; é que o Rvd.º Duparquet não podera conseguir adhesões nos Amboellas, d'onde voltara meio desenganado.

E' visível a intenção de malquistar os missionarios francezes, attribuindo-lhe intuitos politicos, quando o missionario catholico, em seus trabalhos apostolicos, só tem em vista a gloria de Deus e a civilização christã dos povos.

Quanto ao mais, esperemos que o mesmo Duparquet nos esclareça sobre o que lhe succedeu entre os Amboellas.

Reitor do Maucellos.

Secção Scientifica

O PROBABILISMO

I

A QUESTÃO do probabilismo é a mais controvertida entre os theologos que se occupam da sciencia moral.

Desde os fins do seculo XVI até meiado do seculo XVIII, uma innumeravel multidão de theologos discutiu este ponto, que é considerado a base e o fundamento de toda a materia moral.

Aconteceu aqui como costuma acontecer em quasi todos os pontos em que não ha uma definição expressa da Igreja: os auctores dividiram-se em duas classes e formaram dous partidos diferentes ou dous systemas theologicos, um dos quaes se chamou *probabiliorismo*, e o outro *probabilismo*.

E' certissimo que o maior numero de moralistas se decidiu pelo segundo systema, que afinal parece ter prevalecido nas escholas de theologia, e conta entre os seus propugnadores homens doutissimos e eminentes em virtudes e santidade.

Por outra parte também não pôde duvidar-se que o *probabiliorismo* foi sustentado tenazmente por grandes theologos, por doutores pios que com toda a sorte de argumentos procuraram refutar e destruir o systema contrario.

Até os principios do seculo XVIII, apenas um ou outro theologo combatia o *probabilismo*, e ainda assim quasi a modo, porque geralmente predominava então o systema probabilistico. Daniel Concina, famoso theologo da Ordem dos Prégadores, foi o primeiro que levantou bandeira contra esse systema, fazendo-lhe crua e vigorosa guerra.

Não quer isto dizer que já antes não fosse o *probabiliorismo* defendido por alguns moralistas. Foi certamente; mas nenhum mais implacavel, mais energico, mais incançavel do que Concina, que

depois foi seguido por muitos, principalmente da Ordem de S. Domingos.

Com razão podemos dizer que Concina formou uma eschola de que elle foi o chefe.

Mas pelo mesmo tempo este theologo teve um illustre adversario que adoptou o systema probabilistico e o corroborou com argumentos intrinsecos e extrinsecos, dando uma nova face á theologia moral. Foi Santo Alfonso Maria de Liguori, Bispo de Santa Agueda dos Gólos, no reino de Napoles.

Santo Alfonso, a quem Leão XII chamou *homem doutissimo e santissimo*, e que Pio IX declarou *Doutor da Igreja*, esclareceu muitos pontos de moral que eram disputados entre os theologos, combatu o jansenismo e o rigorismo, e abraçando o *probabilismo*, deu auctoridade a este systema um pouco abalado pelas doutrinas de Concina, Pattuzzi, Billuart e outros eminentes moralistas.

S. Liguori tratou esta questão com tal clareza e força, que formou uma eschola theologica, sendo commumente seguido pelos moralistas modernos que, desde então até nossos dias, se teem occupado da moral christã.

Antes de caminharmos adiante, julgamos necessario fazer duas declarações:

1.ª Nem um nem outro systema theologico são condemnados pela Igreja: assim pôde qualquer seguir o *probabilismo* ou o *probabiliorismo*. Ambos os systemas são justos e santos, uma vez que se applicarem bem os seus principios aos diferentes casos particulares. A boa moral depende d'esta applicação.

2.ª Tratamos aqui esta questão como simples historiador, sem nos declararmos expressamente por um ou por outro systema. De resto, cumpre-nos dizer que o nosso sentimento é pelo *probabilismo*, do modo que o defende Santo Alfonso de Liguori.

Tambem observaremos que a questão do *probabilismo* pouco interessa ao commum dos fieis: é propriamente uma questão theologica, que diz respeito aos theologos, aos moralistas, aos ecclesiasticos que se occupam da alta sciencia moral.

Ainda a muitos d'estes será estranha, cremos nós, similhante questão; e, todavia, é ella a mais renhida e a mais difficil em todo o vasto campo theologico.

Ora, deve saber-se que, depois de tantos debates e polemicas por uma e outra parte, apparece um auctor moderno, nosso contemporaneo, que se apresenta na liça a esclarecer esta questão, procurando conciliar ambos os systemas em que se teem dividido os auctores.

E' um auctor respeitavel, já conhecido por muitas obras religiosas que tem publicado. E' o R. P. Frei Marie-Ambrosio Potton, da Ordem dos Prégadores,

leitor de Sagrada Theologia, que em 1874 publicou uma obra intitulada: *De theoria probabililitatis*.

O eminente escriptor francez colloca-se entre os dous campos que até agora teem pelejado, o *probabilismo* e o *probabiliorismo*, e pretende fazer terminar a questão do modo mais justo e razoavel.

Seja qual fôr o juizo que cada um faça da these que elle intenta demonstrar, não se lhe pôde negar a lucidez e clareza com que a enuncia.

No prefacio diz elle:

«Parece-me que, em conformidade com as decisões da Santa Sé, segundo os varios systemas dos doutores e a praxe commum dos fieis, se pôde coordenar um systema, já bastantemente exposto por dous ou tres auctores modernos; systema que não é novo na sua substancia, ainda que seja proposto sob uma nova forma; por elle se conciliam com exito feliz, quanto *à theoria*, sentenças oppostas, das quaes umas pendem mais para o rigor, e outras para a benignidade.

«Por isso, julguei ser da maior utilidade, se tentasse persuadir aos outros o que me parecia verdadeiro em materia de tanta ponderação.»

Por estas palavras já se pôde julgar qual é o fim que se propõe o P. Potton. na sua obra sobre a theoria do probabilismo.

No fim do prefacio elle em tudo se submete às decisões da Santa Sé, como filho humilde da Igreja.

(Conclue.)

P.º JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

Sessão Historica

OUTRO MANUSCRIPTO

O scisma da Igreja de Braga

(Continuado do n.º anterior)

§ 4.º

As tres eleições reciprocamente por si mesmas destruidas

TRATAMOS um assumpto, que quanto mais se medita tanto mais se desentranha em circumstancias, que fornecem materia a novas e multiplicadas observações. Se a eleição de Mattos é firme, e valiosa, e este legitimo e verdadeiro Vigario Capitular, é forçoso que as duas precedentes eleições sejam nullas e de nenhum momento; Loureiro e Moniz illegitimos e intrusos. A prova não é difficil de dar. Supponhamos que a eleição de Loureiro foi legal, e canonica; n'esta hypothese Loureiro é o le-

gitimo Vigario Capitular. Lembremo-nos do principio acima estabelecido, isto é que uma vez canonicamente constituido o Vigario Capitular, jamais pode ser removido, nem elle desistir, sem causa justa, examinada, discutida e approvada pela sagrada Congregação dos Bispos. E' este presentemente um ponto estabelecido pela Disciplina Geral da Igreja. Ora nada d'isto se fez a respeito de Loureiro; logo deve este ecclesiastico ser hoje, o que então era, isto é, verdadeiro e legitimo Vigario Capitular da Igreja Bracarense; mas dous são escusados, inuteis, e superfluos, e nem os canonistas, nem o direito, nem as Congregações Romanas os approvam, ou consentem. Logo Mattos é intruso, e a sua eleição ociosa, illegal, e nulla: consequentemente para sustentar a validade e vigor da terceira eleição é forçoso reconhecer a nullidade da primeira.

Continuemos; se a eleição de Loureiro deve considerar-se nulla para sustentar a legalidade da eleição de Mattos pela mesma razão se deve reputar nulla, illegal, e incanonica a eleição de Moniz; logo a respeito d'este renasce o mesmo argumento relativo a Loureiro. Temos pois por ultima conclusão, que para sustentar a nullidade da terceira eleição é forçoso confessar a nullidade das duas precedentes.

Dado pois que as duas eleições precedentes á de Mattos foram nullas, Loureiro, e Moniz intrusos, vemos cahir por si mesmo todos os argumentos que tem sido propostos para sustentar a legitimidade do actual Vigario Capitular. Por quanto Loureiro e Moniz foram *Vigarios Capitulares nomeados pelo cabido, reconhecidos pelo Governo, obedevidos pelo clero, e povos da Diocese, e consentidos ou não impugnados pelos suffraganeos*; não obstante isso é forçoso que as suas eleições sejam nullas, para salvar a de Mattos; logo quo estes grandes testemunhos são compatíveis com a existencia de Vigarios Capitulares vãos, e fantasticos, e com eleições capitulares apparentes, mas intrinsicamente nullas, e viciosas. O mesmo argumento combate todas as outras provas, que se tem vulgarizado, para nos persuadir que o presente Vigario é verdadeiro, legitimo, e legal. Todas ellas são applicaveis ás duas primeiras eleições, e aos dous precedentes Vigarios, e plenamente as comprehendem; logo não valendo a respeito dos dous nada valem a favor do terceiro. São provas na phrase dos Ecclesiasticos, as quaes *probant nimis*, e consequentemente *nihil probant*. São argumentos d'apparato, e estrondo, mas que logo desaparecem, e se dissipam, se d'elles se faz a devida applicação.

§ 5.º

Refutação directa dos argumentos com que se pretende provar a legitimidade das eleições em questão.

1.º ARGUMENTO

O primeiro argumento é deduzido do reconhecimento e obediencia, que os tres capitulares obtiveram constantemente do clero, e povo da Diocese. Os factos depoem pelo contrario. E' notorio em todo o Arcebispado que, retirando-se de Braga para a sua Quinta da Bacaria o legitimo Vigario Cunha Reis, a parte mais sã e sensata do clero continuou a requerer-lhe licenças e jurisdicções, em quanto foi vivo; e depois de morto, nem por isso requereram a Loureiro, ou a qualquer dos seus successores. Exerciam as funcções sagradas apoiados na prorroga, e licença geral e indeferida, que elle concedêra na sua saída de Braga, recommendando a muitos, que ainda vivem, a divulgassem prudentemente, conforme as circumstancias, e até recommentou, que affixassem editaes, que em algumas partes se viram; proroga licença que elle repetiu nos dias proximos á sua morte, e que o seu mesmo secretario assevera e confirma.

Se alguns clerigos, ou por medo, ou por força algumas vezes requeriam aos taes capitulares, uns rasgavam logo os despachos, ou portarias, querendo que até se ignorasse o seu recurso; outros protestavam não reconhecer valor algum em taes jurisdicções, e que continuavam firmados em virtude da mencionada proroga geral. Outros, querendo marchar com mais segurança, procuravam munir-se com facultades Apostolicas, que obtiveram com o poder de ascerdotes, que julgassem dignos. D'aqui nasceu o chamado *Elencho* das Graças Apostolicas, que se diffundiu por todo o Arcebispado. Era o primeiro datado em Roma em 7 de novembro de 1834: muitos clerigos iniciados nas ordens suspenderam a sua ordenação; diziam que não queriam contaminar-se com *scismaticos*; outros em fim supplicaram Breves Apostolicos, pedindo designados Bispos, que os ordenassem, com independencia e preterição das Dimissorias dos pretendidos Vigarios Capitulares — Não deve omitir-se a notavel circumstancia de terem muitos Ecclesiasticos, os quaes foram obrigados a encarregar-se da Encomendação de Igrejas, supplicado logo á Sé Apostolica sanatorias dos seus titulos. Tal é o apreço, que quasi universalmente se fazia de taes Capitulares.

O Povo leigo não vivia, nem vive menos desconfiado. Quando viram expulsar das suas parochias seus antigos

Parochos, que pela maior parte tinham com sua prudencia, zelo e caridade, ganho a confiança, e o amor dos seus freguezes; e por outra parte a estupidéz, a dureza, e talvez a vida licenciada dos encomendados, que lhe eram substituidos, quando viram, digo, tudo isto, jámais quizeram abandonar os seus pastores, continuaram sempre a procural-os; a elles recorriam em suas necessidades, com elles consultavam as suas duvidas, pediam-lhes os sacramentos, e só na sua presença queriam celebrar seus matrimonios. Pelo contrario fugiam dos intrusos, escusavam-se de ouvir as suas missas, de assistir ás suas estações, receber d'elles os sacramentos, e nem ainda receber na Paschoa a sua visita, o que em Braga mesmo acontecia.

Em muitas freguezias expulsaram os taes mercenarios e reclamaram *altamente* os seus legitimos pastores. Aconteceu muitas vezes, que a dureza, e a raiva d'estes chamados encomendados implorasse a força militar para constri-ger a sua obediencia as freguezias, que os não queriam reconhecer, e os povos camponeses preferiam antes sofrer as vexações e insultos da tropa desenfreada, do que contaminar-se com o contacto religioso dos intrusos. Eis aqui como o clero e povo da Diocese tem até aqui obedecido e reconhecido os Capitulares de que tratamos.

(Continúa).

Lisboa—1884.

P.º ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS.

Secção Critica

Porque não quer frades o governo portuguez?

NA Inglaterra as ordens religiosas progridem de uma maneira prodigiosa. A Diocese de Westminster tem 17 conventos de frades e 42 de freiras; e a Diocese de Sontavark, que abraça parte da cidade de Londres, conta 82 conventos de frades e 25 de freiras!

Porque será que Portugal, o reino que se dilatou e engrandeceu pela influencia do monge e pelo valor do guerreiro christão, tem medo dos frades? Como explicar este terrivel contraste entre um paiz catholico e um protestante? Como é que a Inglaterra, o paiz da propaganda protestante, d'essa vasta associação, que dispende annualmente centenas de milhões com a propaganda de livros eivados de erros, e reprovados pela Igreja Catholica, não teme os frades, e Portugal, o paiz que tem bordadas em suas bandeiras as chagas de Jesus Christo, e que no código porque se

rege, declara que a Religião Catholica é a Religião do Estado, tem medo aos frades?

Não foi o frade que levou o nome de Christo ás longinquas plagas da Africa, da America e da Asia? Não foi elle, que em meio de poderosos senhores prérgou a obediencia a Deus e ao Rei de Portugal? Não foi elle que ensinou um novo mundo a fallar a lingua em que Camões cantára?

Não foi o frade que arroteou incultos terrenos, e fizera d'elles soberbas campinas e frondentes bosques? Não foi elle, o frade, esse frade que vós temeis, inimigos da Igreja, quem estancou pantanos, dirigiu os rios, arborizou os montes, semeou os campos, civilizou um povo barbaro, accommodou contendas que tinham em armas milhares de homens? Não foi o frade que creou escolas, fundou academias, estabeleceu universidades, e fez soberbas bibliothecas?

Não era o frade que dava pão ao faminto, que cobria a nudez do pobre, que lhe ensinava os filhos, e que na doença lhe dava sustento, medico, botica, e que lhe ministrava na ultima hora os consolos da Religião?

Não foi o frade que edificou os magnificos templos que hoje admiramos, que levantou os soberbos conventos, que são hoje *repartições do Estado*, ou solar de algum millionario; que reuniu preciosidades artisticas, que fazem a honra das vossas exposições, a gloria das vossas galerias de preciosidades raras?

Tudo isto era o frade, e por tudo isto ser é que os homens do *progresso* o não querem. Os frades eram anjos de caridade, homens da sciencia, e obreiros incansaveis da civilisação; os homens do *progresso* são egoistas, ignorantes e inimigos da civilisação dos povos. Odeiam por isso o frade, porque o frade faz-lhe sombra; o vulto grande e magestoso do frade, ergue-se tão alto que não deixa vêr os pygmeus que o aborrecem, e que o aborrecem por inveja, por não poderem erguer-se tão alto como esses homens que cobriam com a pobre estameinha um peito onde se abrigava o amor, o saber e a virtude.

O frade era o amigo e companheiro do pobre, e o convento um asylo aberto para todas as miserias. A' porta do convento ninguem batia de balde; a deshoras, quando os grandes da terra deixavam cahir sobre os fossos do ameado castello, a pezada ponte, ou cerravam os ferreos portaes de seus palacios, o pobre voltava-se para o mosteiro, e, ao primeiro martellar, ao primeiro signal a porta era aberta e os braços do monge estreitavam o seu irmão desherdado. A sopa frugal do convento e um leito fresco e limpo eram dados ao pobre.

E é por isso que os amigos do pro-

gresso odeiam o frade; porque o frade repartia com o pobre o que tinha para si, e os amigos do *progresso* não podem ver o pobre, criam casas onde o encerrar para que a miseria não incommode a sua opulencia. E quando lhes dão esmolas, quando a *caridade* official reparte algumas mealhas aos desgraçados faz que elles se exhibam em degradante exposição diante de um publico reunido pelo estampido dos foguetes e pelas harmonias das philarmonicas. E depois as gazetas rebaixam o nome do pobre publicando o seu nome, e exaltam o rico porque deu o que lhe sobrava.

O frade dava sem apparato, sem exigir attestados de pobreza, sem se importar com outra cousa mais que o cumprimento de uma obra de misericordia.

Por isso não querem frades! por isso os apedrejam, como fizeram não ha muito no Porto, a um pobre frade que passava para Hespanha, e que a custo foi salvo da fereza d'esses *thugs* que a imprensa portugueza tem creado.

E dizemos a imprensa, porque o *Commercio do Porto*, narrando o selvatico facto não teve pejo de dizer, que não havia motivo para o estúpido attentado uma vez que o frade não viesse estabelecer-se n'este paiz! Mas se viesse aqui viver, então, *illustrado* membro da imprensa, era dar-lhe para a frente, não era assim?

E são capazes de dizer que é o povo que não quer frades; que não ha em Portugal quem goste d'elles! Mas ha pouco tempo publicaram-se milhares de volumes onde se fazia a apologia dos frades, e esses volumes desaparecem em me-nos de um mez! Faz-se nova edição, mais milhares de volumes, e parece que terão a mesma sorte! Quem serão os leitores dos *Frades*, do mavioso poeta João de Lemos? Serão os seus inimigos? Não, de certo. Logo os frades tem ainda amigos, e por isso os frades voltarão, porque os pede o pobre, porque os reclama a sciencia, porque os necessita o *progresso* e a civilisação.

ELIAS DE SAMPAIO.

Secção Literaria

GRACIA

ou

A CHRISTÃ DO JAPÃO

CAPITULO V

A mensagem de Mitza-o

(Continuado do n.º 7)

JAKUIN, que começou a olhar para o seu interlocutor com tanto receio como se o julgasse louco, foi pouco a pouco desenrugando a fronte e to-



A SANTÍSSIMA VIRGEM JUNTO DA CRUZ

mando tal interesse no que este dizia, que sem recordar-se de seu materialismo, quando o Tunda acabou de fallar, exclamou:

—E os espiritos são inimigos dos christãos?

—Tão inimigos que não podem existir juntos nem conciliar-se. Em qualquer lugar, que os christãos estejam os espiritos desaparecem com medo aos seus sacerdotes, que os expulsam com bençãos, signaes, e agoas preparadas para este fim; os espiritos, porém, por sua parte, fazem-lhes uma guerra sem tregua nem descanço, e procuram exterminal-os com mais afincio e tenacidade do que vós.

—Oh! então quero associar-me a esses espiritos, quero evocal-os, quero receber suas inspirações, quero que me comuniquem sua sabedoria e o fogo em que ardem, e que disponham de mim como d'um instrumento da grande empreza que tentam e ousam acommetter.

—Não o duvideis, Jakuin, disporão de vós, ou melhor, dispoem já como do ser escolhido por elles para levar a cabo no Japão a ruina do Christianismo.

—E como o sabeis? perguntou Jakuin no auge da surpresa.

—Já voi-o disse; fallo com elles, e elles me communicam seus pensamentos. Uma vez ponho no chão uma vasilha com agua crystallina, e ao pronunciar sobre ella palavras magicas, a agua se turba, começa a formar cachões, que rapidamente se transformam em ondas como as do mar agitado pela tempestade, e do meio d'essas ondas surgem figuras de pessoas ou de cousas, que me indicam claramente o que desejo ou devo saber. Outras vezes faço perguntas a uma meza, e a meza agita-se, move-se, remoinha e dá pancadas no chão, e essas pancadas são, conforme seu numero, letras que formam palavras: tenho, porém, ainda outro meio mais facil e simples para conhecer o pensamento e vontade dos espiritos, porque usando d'outras formulas posso suspender do tecto uma caixa, metter dentro um papel limpo e uma penna e ao fim de certo tempo o papel apparece escripto e no escripto me manifestam e declaram os espiritos sua vontade.

—Ora essa!... isso é que eu desejo e preciso ver para acreditar.

—Pois ides ver; e ao dizer isto, o Tunda levantou-se, pegou n'uma folha de papel em branco, molhou uma penna, metteu-as ambas dentro d'uma caixa de pau de cedro, e depois de fechala bem a prendeu e atou a uma especie de fio ou corda delgadissima que pendia do tecto da habitação. Em seguida commendou a Jakuin que guardasse silencio e lhe perguntou a qual dos espiritos queria evocar.

—Chamai o de Mitza-o, rei da agua, e pedi-lhe, que me dê os conselhos que hei mister.

O Tunda despiu então uma especie de tunica ou roupão preto que o cobria, e ficou vestido com um traje rôxo. Estendeu e alongou os braços para a caixa, fechou e abriu varias vezes a mão, assoprou aos quatro pontos cardinaes, e pondo-se immediatamente do joelhos e juntando as mãos ficou como petrificado.

Jakuin observou com assombro, que o rosto do Tunda tomava n'aquelle momento uma expressão desusada e carancuda, como se o terror o invadissem e que logo fecharam os olhos e inclinaram a cabeça com evidentes signaes de abatimento. Permaneceu assim largo tempo até que um ruido surdo como o de um martello ressoou na caixa. O Tunda abriu os olhos, levantou-se lenta e pausadamente como quem desperta de um sonho e exclamou:—O espirito acudiu à minha voz e escreveu sua vontade. Jakuin pega na caixa e lê o que elle te diz.

Jakuin, apesar do seu scepticismo, estremeceu; todavia, porém, pegou na caixa, abriu-a e tirou com summo cuidado o papel que estava enrolado; desenrolou-o e ao vel-o cheio de caracteres rôxos, soltou um grito d'assombro dizendo:—Está escripto, está escripto.

—Pois então agora lê o seu conteúdo.

Jakuin, todo tremulo e assustado, pegou outra vez no papel e leu o seguinte: «Mitza-o, rei da agua, a Jakuin Tokun seu servo, saude: Vais bem por esse caminho, que é tambem o nosso; segue-o e te ajudaremos em Kiousiou. Serás grande e poderoso, serás o rei do Rei, e teu espirito mandará no seu. Não queiras nem tentes á força expulsar os christãos. Dissimula e espreita a occasião. Mais que a espada faz a lingua destra. Que tua palavra seja suave e tua intenção astuta. Aceitamos teu offerecimento. Servirás de nosso meio. A ti a gloria se fores fiel, e a ti o castigo se vacillares ou cederes. Avante. Mitza-o.»

Jakuin ficou absorto e como que petrificado ante o papel não só porque estava escripto agora, quando poucos momentos antes o não estava, mas porque entre as phrases que continha havia uma que respondia a seus occultos pensamentos, os quaes era impossivel que os soubesse ou advinhasse o Tunda. Aquella phrase: «Serás rei do Rei» era para Jakuin prova de que um espirito superior ao homem a havia escripto, porque só um espirito assim podia saber que Faxiba pensava proclamar-se Rei, e que Jakuin pensava seguir dominando-o. Jakuin ficou como enleado e corrido: fitou o Tunda, agradeceu-lhe o

que lhe havia feito para tiral-o de duvidas, e este a seu turno lhe disse:

—Teme a vingança de Mitza-o se não o servires.

—Não terás de que te queixar; ser-vil-o-hei com a alma e a vida.

—E nota que eu saberei tudo o que fizeres; mas tambem sabe que te ajudarei quando tu precisares ou quizeres.

—De ti me valerej, veneravel Tunda, já que os deuses te favorecem com sua presença e te aconselham com sua sabedoria.

E cortejando-se mutuamente se despediram, dirigindo-se Jakuin para o palacio do Regente.

(Continua.)

VERSÃO DO P.º LIMA.

SALVÊ CRUZ!

Oh! mar, que vae quebrando
Rolo após rolo pela praia fria,
E fremeis som de paz consoladora,
Dormente mormurando
Na caverna maritima sombria,
Eiñ ti minha alma a eterna cruz adora.

(H. do Crente.)

Mais de dezanove seculos hão passado depois que tu, oh sacrosanta cruz, foste arvorada no cimo do Calvario.

E sempre, desde então, as gerações se têm prostrado a teus pés, e te adoram, e adorarão até seus derrocamentos, como symbolo augusto da redempção humana.

E' porque nos teus braços o Homem-Deus, soltando o suspiro derradeiro, quebrara as algemas que nos prendiam ao inferno:

E veio para dar a Luz. Mas as suas palavras divinas mal tiveram corações que as escutassem; e Elle, puro como o lirio do valle, foi arrastado pela Jerusalem como blasphemo ou faccinoroso!

Desde então tu, cruz—maldicta, infame patibulo onde se expiava o crime, ficaste pendão sagrado; e, á tua sombra, pelejam milhões de crentes sem de ti despregarem os olhos—porque és emblema d'esperança.

Outr'ora, á tua vista, sentia fugir-lhe a vida o filho do Oriente; e apenas eras basteada na praça publica para castigar o crime.

Mas hoje, oh cruz sagrada, a teus pés se ajoelha um mundo inteiro, e tens lugar nas azas do teu Martyr.

Porque sem ti na terra tudo é escurecido e ermo;—tu o fanal sublime, cainho que nos leva ao ceu.

E ai d'aquelle que moteja ao perpassar junto do teu poial,—sectario do inferno tel-o-ha por seu castigo...

.....

Labaro divinal, Deus te salve! Eu me inclino reverente a teus pés. E' a ti que recorro nas allicções, estreitando-te ao peito angustiado, porque tu és orvalho do ceu, és porto de salvação, és esperança derradeira! Deus te salve!

Leiria.

• PEREIRA L.

Secção Illustrada

A Santissima Virgem Junto da Cruz!

Tudo abandonou o Calvario! Aos primeiros estampidos do trovão, ao scintillar sinistro dos primeiros relampagos e ao medonho fuzilar do raio, que cruzava o espaço em todas as direcções, tudo debandou, todos deixaram o theatro onde o mais criminoso attentado se havia consummado!

Com mil espectadores, que assistiam por entre o estúpido gargalhar, ao supplicio do Homem-Deus, desceram o serro escavado do Golgotha, e os proprios inimigos de Jesus, os que mais se haviam empenhado para que a sua morte se realisasse affrontosamente, haviam fugido, perguntando-se—seria em verdade o Filho de Deus?

Os legionarios do Cesar, e o seu proprio commandante fizeram pedaços as lanças e proclamaram a divindade de Jesus!

Os sepulchros, ao mesmo tempo que a terra se abria e as rochas se partiram, mostraram os esqueletos que guardavam, e o véo do Templo, apenas o sol se eclipsou, rasgou-se d'alto a baixo, levando o terror ao paço dos despotas que, em nome do Cesar, suppliciarão o Redemptor da humanidade.

Densas trevas cobriam o serro do Calvario, e em meio d'essas trevas, uma estrella formosissima brilhava apenas! Era a Virgem Mãe, era a Mulher forte, que, perdendo o Filho estremecido, ficava sendo Mãe de todos nós!

Era a Virgem Immaculada, com os olhos fitos no madeiro infamante, d'onde a crueldade dos homens lhe cravara o Filho, e com as mãos postas sobre o peito, apertando a elle toda a humanidade!

E' n'essa posição que a nossa gravura A Representa, gravura copiada d'um formoso quadro.

Salve! Virgem Santissima, nós vos saudamos junto da Cruz, n'esse dia em que, depois das trevas medonhas do crime, raiara o sol esplendido da liberdade!

Nós vos saudamos ó Virgem, n'esse dia em que fôra proclamada a egualdade do genero humano; em que desapareceram senhores e escravos, para só ficarem homens; em que se partiram as

cadeias que roxeavam os pulsos da mulher, tornando-a rainha, de escrava que antes era!

Curvemo-nos, christãos, diante d'esse vulto grandioso, que Jesus nos legara por Mãe, no alto do Calvario, e corramos ao templo a protestar a nossa fé, o nosso amor, pelas grandezas do Christianismo, unicas que nos deram a liberdade, a egualdade, e a fraternidade!

R.

Secção Bibliographica

OS FRADES

Como a Imprensa recebeu o livro de J. de Lemos

XI

Os Frades.—Deseza, justificação e apologia, insuspeitissimas colligidas por J. de Lemos.—Foi-nos offerecida esta importantissima collecção pelo nosso prezadissimo amigo o sr. João de Lemos, assim como já nos tinha feito offerta do *Elle e Elles*, que muito agradecemos.

Bem haja, o serviço que prestou será um dos maiores á religião e á sociedade, porque na verdade não podia o illustre escriptor recorrer a melhor antidoto para curar o veneno.

Lembro-me que ha pouco veio um reclamar, mas que o sr. João de Lemos lhe fez taes observações, que teve de se calar, e bom foi assim. Pode ser que ainda um dia condemne o que ao presente escreve e volte aos seus bons tempos. Deus o queira.

Quando começaram a apparecer aquellos excellentes artigos collecções—os *frades*—logo vi pela forma e estylo da analyse introductora que andava ali obra do solitario da Anta, e quasi ao mesmo tempo que nós davamos echo elle se denunciava.

Tambem nós pensamos na furia com que o liberalismo atheo persegue a religião, temos visto a destruição das casas religiosas, e que tudo se quer barbarisar, a titulo de civilisar á moda da tal liberdade, e admiramos que o clero superior, os bispos, não tomem o seu logar na vanguarda da regeneração catholica. De que servem pois os bispos? Ha um, o bispo de Coimbra, que trabalha, é incansavel.

Entendemos sempre que sem as ordens religiosas não se podem civilisar as colonias, que a falta d'essas ordens é mesmo um grande mal no paiz, onde não ha já clero secular sufficiente para o culto, e esse clero no geral é como Deus sabe.

Bem sabemos que as grandes ordens monachaes não podem voltar, mas com esmolos e com novas doações particula-

ros, poder-se-hão crear outras que satisfizessem as necessidades da religião.

Os franciscanos, capuchos, carmelitas, dominicos e beneditinos bastariam, o mais deixava-se ao futuro.

Ao sr. Teixeira de Freitas muito cabe pelo serviço prestado como edictor de taes publicações.

(«O Echo de Portugal», de Lisboa, de 26 de outubro de 1883).

O Padre ao Altar, ou o santo sacrificio da Missa dignamente celebrado, seguido de algumas reflexões sobre a importante materia das indulgencias, etc., etc., com orações purq antes e depois da celebração da Missa.

Acabamos de receber a importantissima obra, que, sob o titulo acima indicado, publicou em França o douto Padre Chaignon, auctor de tantas obras importantes, e que tanto têm concorrido para o lustre da litteratura religiosa.

O Padre ao Altar deve ser manuseada por todos os sacerdotes, e pelos que não são, pelos fleis de todas as classes da sociedade; os primeiros devem ler esta obra para bem saberem desempenhar-se da grande missão a que estão obrigados, e os segundos devem lê-la para saberem e para comprehenderem a excellencia do divino sacrificio á que assistem. Porque, quando todos souberem o que é o santo sacrificio da Missa, não teremos a vergonha de ver as irreverencias que se praticam nos nossos templos, não seremos obrigados a presenciarem scenas, na casa de Deus, que ninguem praticaria em casa de qualquer pessoa a quem fosse visitar.

Leia-se, pois, e com muita attenção, o livro de que nos occupamos, e, se de tal leitura algum bem resultar, alguns fructos se colherem, que Deus por elles nos perdoe nossas culpas, se com estas linhas movermos alguém a compulсар tal obra.

Damos em seguida o indice das materias de que trata, para que melhor se ajuize do seu valor. Eil-o:

SUMMARY.—Prefacio—O padre ao altar—Excellencia do sacrificio da missa—Santidade que exige a celebração quotidiana do sacrificio da missa—Virtudes particularmente exigidas para se celebrar a missa—Grande meio de santificação offerecido aos padres na celebração da missa—Preparação para o divino sacrificio—Os preludios do sacrificio—O começo do sacrificio, ou a oblação—O Prefacio—Primeira parte do Canon: o que precede e acompanha a consagração—Segunda parte do Canon: o que se segue á consagração até ao Pater—Preparação proxima para a communhão—Communhão e ultimas orações da santa missa—Acção de graças depois da missa—Appendice a respeito das indulgencias—Orações a que são

annexas indulgencias — Præparatio ad missam pro opportunitate sacerdotis facienda — Directio intentionis ante missam — Alia præparatio brevior ad missam — Gratiarum actio post missam — Praxis celebrandi, cum quis prolixius orare non potest — Instrução de ceremonias da missa rezada.

O *Padre ao Altar* consta de dois volumes, de mais de 200 paginas, e custa 800 réis — pelo correio, 840 réis.

Os pedidos podem ser feitos ao editor o snr. Ernesto Chardron, Porto, ou ao Director do «Progresso Catholico», Guimarães.

Musica arabe — O sabio professor bracarense e compatriota nosso, o Ex.^{mo} Snr. Dr. Pereira Galdas, acaba de honrar as patrias letras com mais uma produçãõ da sua lavra, com o titulo que epigrapha estas linhas. Em pequeno opusculo de 8 paginas dá-nos S. Ex.^a resumida noticia da origem e creação da musica arabe, n'esse estylo sempre elevado, demonstrando os vastissimos conhecimentos do mais incansavel trabalhador que por acaso se encontra entre o professorado leigo do nosso paiz.

Bem haja o illustre vimaranense, que se não esquece, nas suas horas d'ocio, de as empregar em bem da litteratura, como não se esquece de mimosear com os seus trabalhos litterarios quem tanto do fundo d'alma os agradece.

A. DE GUIMARÃES.

Retrospecto da quinzena

UM dos mais bellos ornamentos do Sacro Collegio, o Cardeal di Pietro, deixou a vida terrena pela paz eterna no dia 7 de março. Foi uma perda espantosa para a Igreja Catholica, que tinha no Cardeal fallecido um forte soldado, um decidido batalhador.

O Cardeal di Pietro fôra Nuncio de Sua Santidade em Lisboa, e occupou altos cargos, sendo ultimamente Camarlingo da Santa Igreja Romana, Archicancellor da Universidade Romana, e Prefeito da Sagrada Congregação de Ceremonias. Era o decano do Sacro Collegio e muito bemquisto por todos os amigos das glorias do Pontificado.

Peçamos ao Senhor pelo eterno descanso de sua alma.

Em Shalapore, na India Inglesa, acaba de construir-se uma igreja portugueza, pelos esforços do missionario Olympio. Esperava-se pelo ex.^{mo} rev.^{mo} snr. Bispo Medeiros, coadjutor de s. ex.^a rev.^{ma} o snr. Arcebispo de Goa, Primaz do Oriente, para a solemne benção do novo templo.

Cosa admiravel! Quando a imprensa, os parlamentos, o professorado, tudo, que pode alguma cousa, se empenha em

fazer que pereça o Catholicismo, elle, essa instituição divina, estende seus ramos por mundos desconhecidos, e faz que se levantem soberbos templos, que se criem magnificas casas de instrução, que a cruz supplante o crescente, o malhete, e quanto os desvarios dos homens tem inventado para fazer que desapareça o que Deos edificára, o que os seculos tem respeitado, o que os sabios tem admirado, o que hade em todos os tempos ser o orgulho de todos os povos, porque todos os povos um dia estarão debaixo dos braços da cruz!

Um nosso amigo participa-nos da cidade d'Evora, as seguintes consoladoras noticias:

No dia 3 de março, anniversario da eleição do Santissimo Padre Leão XIII fez-se n'esta cidade, e na igreja de S. João Evangelista (Loyos), pomposa festa em acção de graças por tal acontecimento,stando de solemne *Te-Deum*, com sermão, pelo rev.^{mo} Desembargador dr. João Augusto de Pina, que mostrou brilhantemente quanto foi providencial esta eleição, e o quanto é digno do amor de todos os catholicos S. Santidade, pelas suas virtudes, prudencia, e profundo saber.

Por esta occasião todos rogaram a Deos para que conceda longa vida ao nosso Paç e o livre de seus inimigos, que o são tambem da Santa Igreja.

Diz-nos tambem o mesmo amigo que na mesma igreja se reza todos os domingos e dias santificados, o Terço do Santissimo Rosario, segundo as determinações de S. Santidade.

Na igreja do convento do Calvario, acrescenta ainda, faz-se todas as quartas-feiras de março a exposiçãõ do Santissimo Sacramento, em desagravo das offensas que todos os dias Lhe está fazendo a impiedade, e os maus christãos.

Ao muito reverendo beneficiado Jacintho José Marques de Rezende, a quem se deve em parte estes actos de devoção e piedade, os nossos parabens, pelo modo como sabe glorificar a religião de que é digno ministro.

Evora é uma das cidades de Portugal que mais bellos templos possui, e por isso folgamos em registrar d'estas noticias, lembrando os dias que ha annos alli passamos, e de que nos recordamos com saudade.

Se Deos quizer ainda voltaremos ao Alemtejo, onde temos pessoas que devêras estimamos.

Terminaram no domingo passado as Conferencias Quaresmaes, feitas a expensas da Ordem Terceira de S. Francisco. Foi conferente o rev.^{mo} snr. Padre João Antonio Velloso, illustrado orador sagrado, de Braga, e um dos collaboradores do *Progresso Catholico*. Dizendo o

nome do conferente temos dito tudo, e nem mais poderamos dizer.

O *Commercio de Portugal*, diario que se publica em Lisboa, condemnando ha dias o proceder do governo humbertino, acerca dos bens da *Propagação da Fé*, e fallando do discurso de Sua Santidade, referente ao mesmo assumpto, dizia:

«No discurso do Papa encontramos referencias historicas, que são a condemnação de um acto que estamos longe de applaudir, não obstante os nossos sentimentos profundamente liberaes.»

Vê-se que o *Commercio de Portugal* não obstante os seus sentimentos profundamente liberaes, não applaude, e por consequencia condemna, a expolição, o acto altamente despotico, praticado pelo governo do rei Humberto. E, se o *Commercio de Portugal*, vae de encontro aos seus sentimentos de liberal, condemnando um acto despotico e barbaramente anti-liberal; segue-se d'aqui que o ser liberal é professar doutrinas que se oppõem ao direito das justas leis, que reprovam os homens de recto juizo; logo o liberalismo é contrario á liberdade, e os Summos Pontifices tiveram e tem fortes razões para o condemnar.

E bem condemnado está elle, ainda que o *Commercio de Portugal* o não provasse.

O governo brasileiro ordenou que os bens das Ordens Religiosas sejam convertidos em papeis de credito do mesmo governo, para o que mandou proceder ao respectivo arrolamento.

Um periodico brasileiro que temos á vista dá-nos a seguinte agradável noticia:

«*Ordens religiosas*. — Consta que as ordens religiosas da côrte não darão o arrolamento de seus bens de raiz á commissão especial ultimamente creada pelo governo imperial para a conversão dos mesmos bens em apolices da divida publica, recorrendo da jurisdicção extraordinaria d'essa commissão para a dos tribunaes ordinarios.

Fazem muito bem.»

Tivessem feito assim todas as corporações religiosas, mesmo em Portugal e a cousa correria de outra fórma. Ha certo tempo a esta parte os governos de varias nações mal sabem dirigir os negocios publicos, e por isso mal, muito mal poderão tambem tratar dos negocios dos outros, embora lhe chamem tambem nacionaes.

Applaudimos o proceder das Ordens Religiosas no Brazil.

Anda por este mundo de Christo muita gente, e boa gente, que não sabe ainda para que possa servir a Confissão, e por não o saberem não se confessam. Vamos-lhe nós dizer hoje que a Confis-

são serve para muitas cousas, e d'entre todas essas cousas serve para interesse da nossa bolsa, quando não servisse, como serve principalmente para nossas almas.

Mas deixemos a alma, que ha muita gente, e boa gente, que não quer saber da alma, nem sabe até se a tem; mas o que todos tem é algibeira, e a Confissão serve tambem muitas vezes para ella melhor ainda do que a mais bem organizada policia.

Escutem o que vamos dizer, aquelles que não querem confessar-se:

«Mrs. Asbrooke e suas duas irmãs em Philadelphia receberam ha pouco de Melbourne a importancia de 75:000 dollars.

Era uma restituição da parte d'um homem que prejudicára, havia 30 annos, o pae das ditas senhoras no valor de 40:000 dollars, e que agora, depois d'uma boa confissão, se resolvera a restituir o roubo juntamente com juro vencido.»

Tem d'estas cousas a tal Confissão, essa patifaria enorme, inventada pelos padres! Mas os padres, quando o ladrão lhe cae aos pés e lhe diz—roubei, faz que elle restitua o roubo, e é d'aqui, sejamos francos, que vem a embirra, esse odio satânico que muitas *alminhas* dedicam á Confissão. E não são só os roubadores do dinheiro, que odeiam a Confissão; odeiam-na os roubadores da honra, da virtude, da reputação de qualquer pessoa. São estes ultimos os que mais odeiam a Confissão; porque dinheiro roubado é facil restituil-o; mas a honra, a reputação de qualquer pessoa, como, restituil-a?

Ah, a Confissão!

Recebemos o *Relatorio da Devoção ao Coração agonizante de Jesus e Boa-Morte em Portugal, no anno de 1882 (1x anno)* e ficamos satisfeitos ao vêr o desenvolvimento que tão piedosa associação tem tido em Portugal. E admiramos tambem a maneira como o Relatorio está feito, sendo mais um livro de curiosos apontamentos, escripto elegante e portuguezmente, do que uma simples relação dos acontecimentos inherentes a uma associação. Os nossos parabens ao R.º Relator Padre Joaquim José Soares.

Pela declaração com que fecha o Relatorio vemos que esta associação se vae fundir com a do *Apostolado da Oração*, o que nos parece muito acertado, pois que, tendendo ambas ao mesmo fim, justo é que ambas estejam sob a mesma direcção e invocação.

Agradecemos a offerta, e mais uma vez saudamos o illustrado Relator.

Recebemos tambem o *Relatorio da Conferencia de S. Vicente de Paulo*, da

cidade de Penafiel, e agradecendo a mesma offerta, folgamos ao vêr que a piedosa associação, que tem o nome do santo da caridade, tem produzido n'aquella cidade como em todas as terras onde se tem estabelecido, os mais sazonados fructos, tem estancado muita lagrima, tem levado o necessario aonde morava a fome!

Bem haja a christã direcção e todos os membros da Conferencia, que assim sabem exercer a santa caridade, ensinada por Jesus Christo. E bem haja tambem o digno Presidente, o Ex.º Sr. Barão do Calvario, que se não peja de presidir a uma associação que tem por fim socorrer os desvalidos, dar de comer a quem tem fome, e de prestar a sua casa para as reuniões da Conferencia, que se realisam todos os domingos pela tarde.

O Padre Mon, da Companhia de Jesus, acaba de realisar em Madrid um espantoso acontecimento, que redundou, como não podia deixar de ser, em um completo triumpho para o Catholicismo.

O sabio jesuita prégava ás Filhas de Maria, da capital do reino visinho, e, como é de suppor, dirigia-se ás damas da primeira nobreza, e á propria córte, que alli estava representada. Condemnou que um padre catholico não pôde tolerar, e o governo prohibiu as Conferencias.

A alta nobreza feminina, sabendo do facto, lavrou o protesto mais energico contra as medidas do governo.

O facto foi desfigurado tanto em Hespanha como em Portugal. Penna mais habil que a nossa dará conhecimento aos leitores de tão extraordinario facto.

Esperemos.

J. DE FREITAS.

BOLETIM DO MONUMENTO

PIO IX, O GRANDE

XLII

DESDE o numero 5 do 6.º anno do *Progresso Catholico*, que nos não tem sido possivel publicar a continuação d'este boletim, que, para gloria da Igreja e confusão da impiedade, temos publicado quarenta e duas vezes, e sempre com noticias consoladoras, sempre affirmando á fé e o amor e adhesão á cadeira de Pedro, manifestado pelos catholicos portuguezes, com suas subscrições para o monumento ao Pontífice da Immaculada, o qual, quando concluido, será o mais bello monumento para attestar ás futuras gerações o que eram catholicos portuguezes no ultimo quartel do seculo dezenove.

O Hymno e a Imprensa

DO COMMERCIO DO MINHO», DE BRAGA

(De 14 de julho de 1883)

«Fomos tambem mimoseados pela infatigavel redacção do «Progresso Catholico», de Guimarães, com o lindissimo hymno dedicado ao immortal Pio IX.

A musica é do illustrado maestro o snr. padre Eugenio da Costa Araujo Motta; é d'uma inspiração elevadissima.

A letra é devida á inspiradissima penna do nosso illustre correlligionario e mavioso poeta, o ex.º snr. dr. João de Lemos.

Só o nome do assás respeitado homem de letras é por si base sufficiente para se poder formar juizo ácerca de tal trabalho.

Tudo quanto podessemos dizer em seu favor, não seria senão um pallido e tenue reflexo de seu valor intrinseco.

Ao nosso presado collega do «Progresso Catholico», agradecemos o bello hymno com que se dignou brindar-nos.»

Segunda subscrição recolhida pela redacção do «Progresso Catholico» para as obras do monumento:

Ex.ºs Snrs.:—Antonio dos Santos Silva, como testemunho de afeição ao Soberano Pontífice de gloriosa memoria—Pio IX, o Grande, e á Santa Sé, 600 réis —Padre José da Fonseca Pacheco e Souza, 500—Padre Antonio Pinto de Magalhães, 500—R. S. (2.ª offerta), 300—F. F, 500—Francisco Boaventura Rodrigues, 400—D. Anna Rita Manso Tavares Valente, 500—Reitor de Villar de Frades, 500 — Um anonymo, de Goimbra, 250—Padre Manoel José Gonçalves Preza, 15000.

Somma..... 58050

Transporte do n.º 5..... 2378955

Somma..... 2438005

Quando tivermos espaço e tempo daremos principio á publicação dos nomes das pessoas que nos ajudaram a espalhar o *Hymno do monumento*, e as quantias com que concorreram.

TEIXEIRA DE FREITAS.

CORREIO SEM FRANQUIA

N'esta secção vamos dirigir-nos aquelles de nossos assignantes a quem, por falta de esclarecimentos, não podemos dirigir-nos de outra fórma:

Ao Ex.º Sr. Manuel Joaquim Teixeira, Valle do Campo. — Fomos entregue da carta, mas não das estampilhas na mesma mencionada. Quando as mandar pedimos o favor enviar-nos a cinta do *Progresso Catholico*, sem o que é impos-

sivel achar o nome de V. Ex.ª como assignante.

Ao Ill.º e R.º Sr. Padre José Gregorio Tavares.—Do correio de Mação recebemos um vale da quantia de 600 réis; mas como na lista dos assignantes de Mação, não achamos o nome de V. R.ª pedimos o favor mandar-nos a cincta do *Progresso Catholico* ou indicar-nos o n.º da mesma.

Dentro de um envelope que trazia a marca do correio de Belem, recebemos

em 15 de novembro do anno findo, réis 600 em estampilhas, sem mais nada! Quem as mandou?

Brevemente contamos fazer a 2.ª edição tambem do 1.º n.º e depois o enviaremos a todos os senhores a quem elle falta.

EXPEDIENTE

Havendo-se esgotado o 1.º numero do 6.º anno do «Progresso Catholico», como se esgotou o 2.º, de que já fizemos 2.ª edição, tem sido enviados aos novos assignantes unicamente os n.º 2 e seguintes.

Não recebemos correspondencia que não venha franquiada devidamente. Ha poucos dias foi-nos apresentada uma carta com estampilha de 5 reis, multada com 40 réis; não a recebemos. Vae a noticia ao destinatario.

TEIXEIRA DE FREITAS.

OS AMIGOS DO «PROGRESSO CATHOLICO»

NOMES DAS PESSOAS QUE GRANGEAM ASSIGNATURAS PARA ESTA REVISTA

Os Ex.ºs Srs. e as Ex.ºas Srs.ªs:

Padre Manuel dos Santos Cabral.....	2	Padre Paulo Lopes Martins Ferreira.....	3
Padre João José Garcia.....	4	D. Maria Amalia de Mendonça.....	2
Padre Antonio de Freitas de S.º Coutinho.....	1	Reitor Manoel Cardozo Junior.....	1
Luiz Cerveira da Fonte.....	7	Firmino Vieira de Faria.....	1
Lino F. Mello.....	1	Padre João Bernardino Martins de Miranda.....	2
Padre José Ferreira Vidal.....	2	Padre Antonio Ferreira da Gama.....	2
Manuel Verissimo Martins.....	5	Padre José da Silva Guedes.....	1
D. Adelaide Peixoto Martins.....	3	Padre Antonio Joaquim de Moura Calvão.....	1
Padre José Teixeira da Motta.....	1	Padre Joaquim Tavares Dias.....	2
Augusto Luiz Thomaz.....	6	Padre Mathias José Pereira.....	1
Duarte Leite Bragança.....	9	Thomaz Francisco de Souza.....	14

ANUNCIOS

Septenario das Dores de Nossa Senhora

O mais completo e mais usado pelas pessoas piedosas e devotas da Virgem das Dores

1 volume de 47 paginas—preço 60 réis

Envia-se franco de porte a quem mandar a sua importancia em estampilhas a Teixeira de Freitas—Guimarães.

Quem comprar 3 exemplares d'este livrinho para fazer propiganda, só pagará 120 réis.

SETENTA E CINCO MEDITAÇÕES

SOBRE A

PAIXÃO

de Nosso Senhor Jesus Christo

POR

Um Religioso Trapista, da Abbadia de Septe Fontes

Traduzida da nova edição franceza

POR UMA DEVOTA

1 voluminho de 160 pag. 70 reis, pelo correio

Pedidos a Teixeira de Freitas S. Damaso—Guimarães

ULTIMAS PUBLICAÇÕES RELIGIOSAS

APPROVADAS

Pelos Em.º Sr. Cardeal-Bispo do Porto e Rv.º Arcebispo Primaz de Braga

THESOIRO MYSTICO

Obra muito util a todo o christão que deseja saber o modo como se deve conduzir n'este mundo, com muitos exemplos e meditações para a oração mental, *Morte e Paixão da Jesus Christo*, e outras muitas devoções e orações collidas das obras asceticas do Sapientissimo

Santo Affonso Maria de Ligorio

Terceira edição mais correcta e augmentada pelo seu author o Missionario Apostolico João Manoel de Souza Teixeira.

1 vol. de 480 pag. encadernado—300

BREVE COMPENDIO

OU

RAMALHETE DE ORAÇÕES E DEVOÇÕES

Actos para a preparação da oração mental, adoptada pelos missionarios; as-

sim como os versos que se cantam nas Missões—terceira edição muito augmentado conforme pareceu conveniente ao Rv.º Sr. Padre Fr. Manoel Marinho Alves da Silva.

1 vol. de 357 pag. encadernado—240

DIRECTOR ESPIRITUAL

DAS

ALMAS DEVOTAS E RELIGIOSAS

Extrahido das obras de S. Francisco de Salles e Santo Affonso Maria de Ligorio, com devotos pensamentos sobre o SS. Sacramento para o Lausperenne de todos os dias da semana; e Missa meditada na Paixão de N. S. Jesus Christo.

1 vol. encadernado—240

CARTILHA DA DOCTRINA CRISTÃ

Composta pelo Abade de Salamonde A. J. de Mesquita Pimentel—nova edição da *Livraria Portugueza*—1884.

Preço—encadernada—100

Todas estas obras se acham á venda em casa do editor—Livraria Portugueza, de Joaquim Maria da Costa—Porto—Largo dos Loyos n.º 55 e 56—Em Guimarães, na Livraria de Teixeira de Freitas—Rua de S. Damaso.